

CLUBE DE TROCAS ITCP/UNIFAL-MG: RESSIGNIFICAÇÃO DO CONSUMO VIA AÇÃO EXTENSIONISTA

Mariana Martins (Mestranda em Administração-CEPEAD/UFMG); Kaio Lucas Rosa (Graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia- UNIFAL-MG);
Camila Roque (Graduanda em Administração Pública- UNIFAL-MG);
marianaj_martins@hotmail.com; kaiorosa98@hotmail.com;
camilaroque_021@hotmail.com;
GT 9: Finanças solidárias, comércio justo e responsável

RESUMO: Sendo as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares um dos atores da economia solidária no Brasil, objetivamos propor uma análise do Clube de Trocas realizado pela ITCP/UNIFAL-MG como espaço de práticas de consumo alternativas ao sistema capitalista, via ação extensionista. Para isto, propomos pesquisa documental por meio das categorias: articulação entre comunidade interna e externa; panorama geral de execução do Clube de Trocas; a metodologia crítica do Clube; o impacto social gerado; a formação dos participantes; e, a construção de uma nova realidade com enfoque no projeto Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG junto aos seus relatórios de execução. Ao final, abordamos os resultados obtidos de modo a assinalar a importância de que o referido Clube cumpra com seu papel, ressignificando as relações de consumo e também, como espaço para atividades culturais na universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG. Economia Solidária. Extensão. ITCP/UNIFAL-MG.

1. INTRODUÇÃO

Ante a emergência de se repensar as relações de consumo, especialmente por elas se atrelarem substancialmente a cultura contemporânea e a reprodução material do Sistema Capitalista, é fundamental o desenvolvimento de práticas que defrontem essa realidade. Diante da busca por alternativas econômicas baseadas no consumo consciente e no comércio justo e solidário, temos na Economia Solidária (ES) a possibilidade de subversão e ressignificação das relações econômicas.

Pensando-se primeiramente na Economia Solidária, temos que esta se encontra em diversos espaços da sociedade, sendo um deles as universidades. No caso, podemos considerar as universidades espaços para a prática de ações da Economia Solidária, pois, tal economia se alinha ao ambiente acadêmico por meio das ações extensionistas. Ou seja, a ES ultrapassa o caráter de ensino e pesquisa da universidade, estendendo-se até à sociedade/comunidade, de modo a possuir contribuir socialmente para uma determinada região e/ou causa. Assim, temos que as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares

(ITCPs) são programas de extensão dentro das universidades, de modo que, via mão dupla, contribuem com os empreendimentos econômicos solidários e também, trazem para o espaço acadêmico ações que ressignifiquem e subvertem a nossa organização social e econômica capitalista.

Em conformidade com a relação estabelecida entre Economia Solidária, Universidades/ITCPs e extensão, objetivamos propor uma análise do Clube de Trocas realizado pela ITCP/UNIFAL-MG como espaço de práticas de consumo alternativas ao sistema capitalista, via ação extensionista. Para alinhar a escrita junto a proposta do presente trabalho, apresentamos os campos teóricos referentes à Economia Solidária, como economia alternativa, que busca ressignificar e subverter os valores do Sistema Capitalista, tendo sua prática em prol da justiça social e econômica, a solidariedade, cooperação nas suas relações socioeconômicas e organizacional, dos empreendimentos; quanto aos Clubes de Trocas, estes são abordados como espaços alternativos para se pensar o consumo inconsciente posto por uma ótica mercantilista global, fazendo valer a conscientização do consumo e o comércio justo e solidário.

Pelo objetivo do presente artigo, trazemos, no teórico, as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares que, praticam ações voltadas para a Economia Solidária, principalmente por ações extensionistas, e também, abordamos teoricamente, a extensão dentro do contexto das universidades, alinhando a proposta da trabalho ITCP/UNIFAL-MG e dos Clubes de Trocas. Por fim, apresentamos a ITCP/UNIFAL-MG e suas ações, dentre estas, mais especificamente, o Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG.

Para esse fim, adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa documental com enfoque no projeto Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG junto aos seus relatórios de execução e projetos desenvolvido ao longo dos seus sete anos de execução. As análises, de caráter interpretativista, são desenvolvidas por meio das seguintes categorias: articulação entre comunidade interna e externa; panorama geral de execução do Clube de Trocas; a metodologia crítica do Clube; o impacto social gerado; a formação dos participantes; e, a construção de uma nova realidade.

A partir da proposta de realização dos Clubes de Trocas pela ITCP/UNIFAL-MG no Campus Varginha, podemos perceber que, no que tange os objetivos de execução do Clube enquanto projeto de extensão, acredita-se que o Clube enquanto prática extensionista que ressignifica os valores, relações e práticas de satisfação das necessidades de consumo, de modo a ser uma das alternativas para a problemática do consumo do Sistema Capitalista vigente. E também, ressaltando a ação extensionista do Clube, cria-se um espaço em meio a

comunidade acadêmica e externa à Universidade Federal de Alfenas, Campus Varginha, que permite o desenvolvimento e construção coletivos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. ECONOMIA SOLIDÁRIA

Ligada ao socialismo utópico e ao cooperativismo autogestionário do movimento operário oriundo da Revolução Industrial, a Economia Solidária (ES) surge como proposta alternativa ao sistema capitalista e ao cenário de crise socioeconômica (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004). Sua base está nas propostas coletivas de práticas econômicas juntamente às experiências de solidariedade, tendo a base no combate à comercialização da vida, promovendo assim adoção de bens comuns e da gestão comunitária e da reciprocidade (SCHMITT, 2010).

No Brasil, a ES também surge com base em práticas associativas de organização na década de 1980. Nos anos 1990, a Economia Solidária é ampliada no âmbito socioeconômico do país, como prática crítica ao cenário de crise e desemprego, estabelecido pelo sistema econômico neoliberal. Temos então, a ES como estratégia e alternativa coletiva para a geração de trabalho e renda (SCHMITT, 2010). Justamente por esta possibilidade que proporciona, a Economia Solidária pode ser caracterizada pela democracia do espaço produtivo de seus empreendimentos, pela justiça econômica e pela coletividade (NASCIMENTO, 2011). Segundo Singer (2012, p. 37):

Economia solidária é uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano e não do capital, de base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. Assim, nesta economia, o trabalho se transforma num meio de libertação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista (SINGER, 2012, p. 37).

A partir da sustentabilidade de suas relações de produção e sociais e com centralidade no ser humano, a Economia Solidária promove outra proposta de gestão, via experiências coletivas de trabalho, sendo tais, caracterizadas pela autogestão. Na prática desta, não há hierarquia na organização da produção nem da gestão (SINGER, 2012). Sendo a autogestão um dos princípios que regem a ES, temos alinhada à tal, outros princípios como a valorização

do ser humano, valorização da natureza, democracia, cooperação e a coletividade (SABOURIN, 2014).

Assim, temos que, ao se propor a prática da Economia Solidária, pretende-se promover a geração de trabalho e renda, valorizando a natureza por meio de uma vertente econômica, o que propõe a sustentabilidade de suas relações. Além disso, promove o comércio justo e solidário, o consumo consciente, o desenvolvimento local e a valorização da diversidade, onde, todos estes acarretam no modo de vida mais solidário (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004).

Tendo-se como pano de fundo do cenário socioeconômico a Economia Solidária, podemos ter nas suas relações sociais e de produção a promoção do trabalho associativo, relacionado ao associativismo, solidariedade e cooperação. Assim, temos a promoção da ES, de modo a ressignificar os sentidos do trabalho, das trocas, do consumo e da produção, fortalecendo o caráter recíproco da relação existente entre o ambiente da produção e os seres humanos nele envolvidos (PINTO, 2006).

Garantir a articulação dos princípios da ES para sua prática, é possibilidade da construção de empreendimentos, modos de vida e espaços que tenham como princípios a cooperação, solidariedade e coletividade (SABOURIN, 2014). Assim, não somente relacionada à um ambiente de práticas organizativas de produção está atrelada à Economia Solidária, mas também, via ressignificação dos modos de vida, ela também encontra espaço em outras cadeias econômica, como espaços de comercialização, promovendo um nova percepção quanto às relações de troca e do valor dos produtos, como é o caso dos Clubes de Troca.

2.2. CLUBES DE TROCA

Se, temos na Economia Solidária empreendimentos como organizações mutualistas, cooperativas e associações, consideremos também, os Clubes de Troca organizações do âmbito desta economia (VITAL, 2012). Os Clubes de Troca surgem como proposta política contrária aos valores capitalistas, adotando uma prática de comércio justo, baseado em valores mais humanos e solidários, onde o valor produto não está atrelado ao capital, mas sim, à necessidade de sua aquisição (PATEO; SÍGOLO, 2010).

Mais precisamente, além de ser uma proposta contrária à ordem de comercialização presente no sistema capitalista, os Clubes de Troca surgiram na década de 1980 em resposta à crise econômica que acarretara no desemprego e queda da atividade econômica (VITAL, 2012). Temos então que, as primeiras experiências registradas decorrem do LET'S

(VAMOS!) no Canadá (ARKEL et al., 2002); e, na América Latina, o surgimento dos clubes tem origem na Argentina, também em meio à um ambiente de crise e recessão econômica, e, a partir de 1998, os clubes de expandiram para outros países da região, como o Brasil. Temos assim, o nascimento da Rede Latino-Americana de Socioeconômica Solidária (REDLASES) em prol do sistema das economias solidárias e populares (ARKEL et al., 2002). Já especificamente no caso do Brasil, o primeiro Clube de Trocas foi realizado em São Paulo. Em 1999, os clubes se expandiram para Rio de Janeiro, Porto Alegre e outras cidades brasileiras (CARNEIRO; BEZ, 2011).

Se a base da prática dos Clubes de Troca está no cenário de crise capitalista, tendo respaldo na Economia Solidária, os clubes adotam a proposta de substituição do lucro e da competitividade, pela solidariedade e cooperação, valorizando o saber, o trabalho, as pessoas, e não o dinheiro e a propriedade. Busca-se a ligação harmoniosa entre ser humano e natureza (PRIMAVERA, 2002). Sendo assim, como contraproposta às práticas do sistema capitalista e buscando um ambiente de cooperação e solidariedade, os Clubes de Troca podem ser caracterizados como é apresentado por Vital (2012, p. 3):

Os clubes de troca são iniciativas solidárias que possibilitam a interação das pessoas e a coletividade no sentido de construir uma alternativa para o capitalismo que é praticamente hegemônico na nossa sociedade e tende a delimitar a força de compra das pessoas. Sua proposta parte da busca de resposta a falta de dinheiro oficial. Um grande objetivo dos clubes de troca é o de constituir um mercado complementar ao oficial capaz de ajudar a viabilização do comércio de produtos feitos por pessoas ou grupos e facilitar o acesso da comunidade em geral a esses produtos e serviços. Ela tende a resgatar princípios primitivos da moeda, tornando-a um instrumento facilitador, em resposta às necessidades da população que a utiliza (VITAL, 2012, 3).

Os Clubes de Troca passam a serem considerados espaços de fundamental importância para uma comercialização justa, uma vez que elimina os intermediários existentes entre produtor e consumidor, os quais atuam de forma especulativa, desvalorizando o valor das mercadorias. Na prática da comercialização via Clubes de Troca, tem-se a valorização do trabalho do produtor e do consumir, além de estabelecer relações mais justas e éticas (CORAGGIO, 1998).

Para que seja possível o ambiente de trocas, é preciso que as pessoas ali envolvidas adquiram alguns bens ou serviços de maneira simultânea. Como neste espaço o dinheiro não é elemento central, pois os envolvidos não o possuem, o Clube supera o obstáculo monetário pela adoção de moeda própria, a chamada moeda social, a qual possui caráter ideológico e nome fantasia (SINGER, 2008). Não somente com relação à “moeda” os Clubes de Troca

ressignificam o espaço de comercialização, mas sua proposta também promove um outro olhar sobre a participação dos seres humanos em tal processo. Contrário às relações interpessoais e de foco no lucro e no capital na lógica capitalista, os Clubes propõem não mais a condição única dos seus participantes como “pessoa consumidora” e passam então a serem “pessoa participante” (MONTEZ, 2010). Atuando como participante, o indivíduo assume uma posição comum ao papel de consumidor e produtor, ou seja, traz outra perspectiva as relações interpessoais relacionadas às trocas (ROQUE et al., 2014). Deste modo, na imagem do prossumidor, temos uma subversão da lógica do capital, pois, segundo Montez (2010, p. 5):

Este princípio não só torna as pessoas participantes como equilibra os pratos da balança do consumo e da produção, contrariando a realidade econômica tradicional que assenta fundamentalmente no consumo e que tem demonstrado resultados desastrosos, do ponto de vista social. Assim, os mercados apresentam uma grande diversidade de produtos e de serviços, tornam-se experiências pedagógicas, de desenvolvimento pessoal e proporciona também momentos de convívio e de participação da comunidade (MONTEZ, 2010, p. 5).

Para além de um espaço que possibilita nova proposta de comercialização e trocas, os Clubes de Troca promovem a prática de uma mentalidade econômica de caráter solidário, contrária à exploração capitalista e neoliberal. Assim, as trocas realizadas possuem o objetivo de respeitar o trabalho das pessoas envolvidas de forma ética, sem exploração do meio ambiente nem dos indivíduos envolvidos no processo. É uma proposta de mercado que promove a inclusão daqueles que no mercado convencional se encontram excluídos (PRIMAVERA, 2002).

Por toda proposta em volta dos Clubes de Trocas, sua ressignificação também passa por outros valores para além dos econômicos; sendo um espaço também de caráter sociocultural e pedagógico, pois, promove a formação dos sujeitos envolvidos para adoção de um modo de vida mais humano e solidário (MONTEZ, 2010). A alternativa promovida pelos Clubes de Troca com relação a um espaço mais solidário, promove a inclusão social daqueles que não possuem poder aquisitivo para a lógica do sistema capitalista (ROQUE et al., 2014). Temos no clube, uma forma de estabelecimento de relações solidárias referente ao intercâmbio de mercadorias, sendo mais um espaço e prática da Economia Solidária.

2.3. A EXTENSÃO NO CONTEXTO DAS UNIVERSIDADES

As universidades possuem múltiplas atribuições que não se finalizam em sua finalidade profissional e científica. Mais que isso, grande parte de seu aspecto formativo é

verificado nas premissas de um papel bastante amplo: a realização conjunta a toda comunidade acadêmica e externa por meio de seu tripé constitucional formado indissociavelmente pelo ensino, pesquisa e extensão. Segundo essa perspectiva, para Santos (2014), a universidade pública concretiza seu tripé de atuação por meio de seu papel social, ampliando as possibilidades existentes de realização do desenvolvimento regional. Ainda segundo o autor, em um panorama socioeconômico, a avaliação dessa atividade precisa levar em conta tanto a qualidade quanto o grau de retorno à sociedade que foram alcançados.

De acordo com Nunes e Silva (2011), o vínculo estabelecido entre a universidade e a sociedade se torna aprimorado ao passo que a superação das condições de desigualdades e exclusão é anteposta. Para seu fim, a universidade socializará seu conhecimento e disponibilizará por meio da responsabilidade social suas realizações. Ou seja, a extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Neste sentido, percebe-se que:

a extensão possui algumas características que se bem exploradas podem vir a contribuir para uma mudança no processo de ensinar e aprender: possuem um arsenal metodológico diferenciado; é feita de encontros entre alunos, professores e comunidades; têm a possibilidade de, neste encontro, incorporar outros saberes, de criar um novo senso comum e de ampliar a capacidade de reflexão sobre as práticas, porque nelas se constituem, ou seja, são constituídas pelas experiências (CASTRO, 2004, p. 5)

Dessa forma, frente aos problemas engendrados pelo capitalismo globalizado, Nunes e Silva (2011), supõe ser cada vez mais necessário unir a prática e a teoria, ou seja, tudo o que é produzido no interior das universidades necessitam estar subsidiadas pela realidade sendo essa fornecedora de elementos para novos estudos.

A atuação extensionista em meio ao quadro de ampla difusão dos desdobramentos capitalista vale a universidade da função de realocar o modo com que diversos setores lidam ou são impactados pelos contrastes socioeconômicos e políticos. Isto posto, é fundamental o modo com que muitos projetos, programas e outras ações de extensão têm principado alternativas através de um papel da universidade, o qual:

objetivando se firmar a partir da concepção acadêmica, inserida no contexto de contradições inerentes ao próprio processo de produção do conhecimento em uma sociedade capitalista, busca uma nova dimensão de universidade, sociedade e sujeito, consubstanciada na perspectiva ideológica do “compromisso social” como instituição pública, viabilizando a organização política do grupo, em que além da promoção de uma consciência crítica se almeja a intervenção na realidade em uma perspectiva transformadora e libertadora, da autonomia do sujeito (JEZINE, 2004, p. 3).

Deste modo, temos que as ITCPs fazem parte da prática de extensão das universidades, alinhando formação e atuação social e política à sociedade e, principalmente, os envolvidos diretamente em suas ações, como os Clubes de Troca.

3. ENTENDENDO O CONTEXTO DO CLUBE DE TROCAS ITCP/UNIFAL-MG

3.1. INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS, CAMPUS VARGINHA- MINAS GERAIS

Iniciada em 2010, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Alfenas, Campus Avançado de Varginha (ITCP/UNIFAL-MG) é um programa de extensão universitária que prima pela formação socioeconômica, cultural e política dos envolvidos em seus trabalhos. A partir de uma metodologia de trabalho própria de incubação com base na educação popular freiriana, assessora a formação de empreendimentos econômicos solidários (EES) por meio da Economia Solidária e de seus princípios basilares como a solidariedade, a autogestão e o cooperativismo.

Sua equipe multidisciplinar composta atualmente por 08 membros, sendo 03 docentes e 05 discentes e alguns colaboradores, proporciona a geração de trabalho e renda nos EES alcançados pelo programa e promove modos de vivência e experimentação alternativas para toda comunidade. O tripé indissociável da pesquisa, ensino e extensão é imprescindível para que esse processo seja viabilizado, publicações são realizadas por meio pesquisas feitas a partir das incubações, o processo de formação continuada e a realização extensionista são mutuamente ligados: realizam-se e viabilizam-se mutuamente.

Atualmente estão em processo de formação em Economia Solidária junto à ITCP/UNIFAL-MG os seguintes grupos: Mulheres Organizadas Buscando Independência – MOBI e a Associação dos Produtores de Plantas Medicinais Aromáticas e Condimentares de Varginha – Sabor e Saúde, além disso, os Grupos Mulheres Produtoras de Café da Serra da Mantiqueira – AME Café e a Cooperativa Dos Pequenos Cafeicultores de Poço Fundo e Região – COOCAMINAS estão iniciando o mesmo processo. A Incubadora realiza ainda atividades de qualificação interna e externa, tais como Grupos de Estudo, Oficinas de Formação e Minicursos; o I Encontro de Economia Solidária Trabalho e Lutas Sociais; o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, exposto a seguir.

3.2. CLUBE DE TROCAS ITCP/UNIFAL-MG

O Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG, iniciado em 2011, é um projeto de extensão universitária cuja importância apresenta-se, entre outros fatores, devido a sua prática antagônica as lógicas de consumo e interação social vigentes. Nesse sentido, por meio da vivência e disseminação da Economia Solidária é construído coletivamente um espaço descontraído no qual todas as partes envolvidas são basilares para que haja uma experiência autogestionária, horizontalizada e solidária que, por meio de tudo quanto pleiteia, “tem criado possibilidades de inclusão social e de reorganização da sociedade com base na mudança das relações sociais de produção e de gestão pública”.¹

Com edições em sua maioria mensais conta ainda com edições temáticas, como: “o Clube literário, onde eram trocados apenas de livros, o Clube Acadêmico, para troca de materiais das disciplinas do curso, e o Clube de trocas de conhecimento, onde os participantes apenas trocavam aquilo que sabiam fazer” (PINHEIRO et al., 2014). As edições ocorrem no campus da universidade dão-se em um espaço já conhecido por aqueles que participam, o hall do “Prédio B”, que sedia o evento com expressiva efetividade por ser de fácil acesso, possuir comodidade e por alcançar o interesse de circulantes.

No que tange sua execução, os Clubes de Trocas ele acontecem em quatro momentos: primeiro, há uma rodada de apresentação dos participantes, onde, os quais, apresentam os objetos que levaram para as trocas; entre estes se encontram livros, peças de roupas, artesanatos, acessórios entre outros e também, serviços, como aulas de música e inglês. Em um segundo momento, há uma formação sobre os princípios metodológicos e científicos fundamentais, tanto a respeito da Economia solidária e seus princípios como também, a respeito da origem dos Clubes de Trocas, sua importância e suas implicações nas relações sociais e de consumo.

Em seguida, as trocas são iniciadas entre os/as participantes de modo autogestionário, cooperado e solidário, permitindo a socialização e o crescimento coletivo, possibilitando a realização das relações de consumo conforme outra epistemologia, segundo valores não praticados na sociedade capitalista.

Há ainda, diferentes performances e atividades artísticas e culturais que são realizadas, algumas exemplificações são apresentações de grupos de dança de rua, oficinas de forró, declamações literárias, as mais diversificadas apresentações musicais, murais livres

¹ Protocolo: 2392 REF.

para o exercício artístico pessoal, varais literários, palco aberto e demais possibilidades que compõe um ambiente construtivo, agradável e descontraído.

As edições do Clube de Trocas encerram-se, habitualmente, por meio de uma reflexão em relação ao que foi realizado. Assim, através de tal projeto de extensão, procura-se motivar que os participantes compartilhem conhecimentos, experiências e demais aprendizados adquiridos a respeito da formação sociopolítica e cultural vivenciada. Como também, é incentivado que todos esses aprendizados não se limitem a lógica confortante e circunscrita que pode o Clube de Trocas gerar.

4. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento metodológico do presente trabalho, partimos de uma pesquisa qualitativa, pois esta pode ser entendida como “[...] um conjunto de práticas interpretativas, mas [que] não privilegia qualquer tipo de metodologia, inexistindo teoria ou paradigma que lhe seja próprio” (LUZ, 2001, p. 95). Assim, temos que nas pesquisas de caráter qualitativo, pode haver metodologias diversas a serem utilizadas para coleta de dados, como as metodologias empíricas, sendo estas, estudo de caso, pesquisa-ação ou a análise de documentos (TRIVIÑOS, 1987).

No presente trabalho, escolhemos a pesquisa documental, pelo fato de termos como objeto de estudos os relatórios de execução e documentos diversos acerca do Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG, referente aos anos de 2011, 2013 e 2015. A escolha por tais anos, remete ao intervalo de dois anos entre cada um, relacionando-se assim com a proposta de pesquisa documental, de modo a considerar o tempo histórico nos acontecimentos, neste caso, dos Clubes de Troca. Temos que, por se tratar de documentos, a riqueza exposta sobre determinados acontecimentos sociais, como o Clube de Trocas, pode valorizar e ampliar a compreensão acerca da proposta de tal ação extensionista. Assim, a justificativa para uso da pesquisa documental está atrelada ao fato de termos apenas documentos para as análises, bem como, a contextualização, ou seja, estratégia-local para os documentos (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009). No caso do presente trabalho, além dos documento o contexto da Universidade, da ITCP/UNIFAL-MG e, principalmente do Clube de Trocas, trazem relevância à escolha do tipo de pesquisa, pelo fato de serem fatores importantes para as análises.

Para as análises, propomos cinco eixos que permeiam a realização dos Clubes de Troca ITCP/UNIFAL-MG, sendo estes: articulação entre comunidade interna e externa; a metodologia crítica do Clube; o impacto social gerado; a formação dos participantes; e, a

construção de uma nova realidade. As análises realizadas são de caráter documental, de modo a relacionar os registros de ocorrência dos Clubes com as teorias que embasam o presente artigo.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com grande similaridade em relação às funções sobre as quais a universidade está posta através de seus desdobramentos extensionistas, os Clubes de Trocas realizados possuem grande capacidade de articulação entre todos os atores envolvidos na proposta: todaa comunidade acadêmica e externa compõem e constroem coletivamente o ambiente no qual as trocas são realizadas. Isto remete a proposta solidária da economia, em se pensar numa construção social e econômica com valorização do ser humano e de solidariedade das relações socioeconômicas (FRANÇA FILHO; LAVILLE, 2004; PINTO, 2006; SABOURIN, 2014; SINGER, 2012). Neste mesmo sentido, atrelamos tal característica presente no Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG à a proposta de realização de tal espaço como prática dos princípios da Economia Solidária, uma vez que, repensar de modo crítico a ordem mercadológica capitalista, é se ressignificar a economia, por meio de consumo consciente e do comércio justo solidário (CORAGGIO, 1998; PRIMAVERA, 2002; VITAL, 2012).

Não há qualquer distinção ou sobreposição de papéis e nenhum modo de conhecimento é valorizado em detrimento do outro. Ainda que a base fundamental para o preparo das edições seja por um processo de formação continuada formado indissociavelmente pelo ensino, pesquisa e extensão, a proposta fundamental que atinge as relações de consumo se dá na prática, por meio da combinação de diferentes modos de instrução e vivência que se agrupam para proporcionar a vivência da Economia através de sua prática (MONTEZ, 2010; PRIMAVERA, 2002; SINGER, 2008; VITAL, 2012) .

Os Clubes de Troca foram realizados nas dependências da UNIFAL – MG, campus Varginha e no centro da cidade de Varginha-MG. Participaram dos clubes de troca, a comunidade acadêmica da UNIFAL – MG (discentes, docentes e técnicos) e os membros dos grupos incubados pela ITCP/UNIFAL – MG, Campus Varginha; além de moradores da cidade. Em todos os encontros de Troca há momentos prévios de discussão dos preceitos da Economia Solidária, numa tentativa de se dialogar acerca do modelo econômico e social existente, e o proposto pela Economia Solidária. Além disso, ocorre uma discussão sobre o

consumo em si, e como ele contribui para a forma desigual que se dá o desenvolvimento nacional.²

Por se tratar de uma das realidades pertinentes ao movimento de Economia Solidária, os clubes possuem, desde de suas experiências precedentes, cruciais aspectos críticos e desconformes ao *locus* ao qual as estruturas capitalistas alocam as práticas de consumo. Conseqüentemente, os clubes de trocas desenvolvidos pela ITCP/UNIFAL-MG são dotados de procedimentos metodológicos críticos, que buscam colocar em prática aspectos determinantes para que o consumo seja ressignificado por vieses solidários (PATEO; SÍGOLO, 2010; VITAL, 2012; SINGER, 2008).

Pode-se dizer ainda, que o Clube de Trocas possui uma metodologia não “estanque”, isto é, sempre questiona a sua existência e tipo de intervenção; flexível, no sentido de escolher e organizar as técnicas de dinâmica de grupo; de natureza participativa, baseado no reconhecimento dos valores culturais, do saber e das demandas do público; emancipador no sentido pedagógico do termo, explorando a aplicação educativa das técnicas de dinâmica de grupo para que o público desenvolva consciência crítica a atinjam a autogestão; rejeita a reprodução de propostas de intervenção pré-concebidas que nega os valores culturais e as formas do conhecimento coletivo e individual e valoriza o diálogo, a capacidade reflexiva, a construção coletiva de novas normas de convivência social.³

A ingerência causada na realidade pelos edições do Clube de Trocas ampliam-se por meio de inúmeros desdobramentos de sua performance crítica anteriormente citada. É crucial a abordagem da forma com a qual, segundo esse aspecto, o referido projeto possui grandes impactos sociais realizados através das perspectivas do movimento de Economia Solidária. O exercício de remover o equivalente geral – monetário – das práticas de troca que se tornam aproximadas ao escambo possibilitam que a satisfação das necessidades dos participantes sejam valorizadas em detrimento das equivalências entre os produtos postas pela lógica mercadológica.

As novas possibilidades de consumo experimentadas ampliam-se por meio de impactos sociais oriundos de desdobramentos como a compreensão das realidades de trabalho e expropriação pertinentes ao modo capitalista de produção. Assim, as edições do Clube de Trocas não põem sob crítica apenas a relação direta de obtenção das mercadorias

² Retirado do relatório das atividades do Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG (2015).

³ Retirado do relatório das atividades do Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG (2013).

na comercialização capitalista, a estrutura que alimenta essas relações também é submetida a apreciação, incentivando que novas práticas sejam encorajadas.

O Clube de Trocas tem como propósito o incentivo a novas práticas de consumo entre os participantes, práticas mais solidárias, de trabalho e organização do trabalho coletivo, e sem exploração, seja do indivíduo, do capital ou mesmo dos recursos naturais.⁴

Tais implicações, por consequência, trazem a tona o principal aspecto extensionista desempenhado pelo Clube de Trocas, de forma correlata todos os participantes das edições experienciam um abundante processo de formação prático. O processo autogestionário com total controle do funcionamento das trocas atribuído aos participantes cria uma realidade cooperada, posta por via da solidariedade onde todos participam de forma a não buscar benefícios individuais. A Economia Solidária passa assim a pôr em voga seus princípios basilares, formando os participantes dos clubes segundo capacidades indissociáveis as práticas mercadológicas de consumo.

Conforme exibido anteriormente, o funcionamento do Clube de Trocas provém da confiança que existe entre as pessoas que estão participando, não é um lugar para se obter lucros e sim para se ajudar mutuamente. A atitude de cada um é que acaba por formar o todo, pois para desenvolver uma sociedade sustentável requer um consumo consciente de cada um dos indivíduos. Nesse sentido, a compreensão de outros valores, não só aqueles propostos pelo mercado capitalista, contribuem de forma significativa para a formação cidadã dos participantes.⁵ O desenvolvimento formativo dos Clubes se dá por conta de seu próprio modo de desenvolvimento, concebido justamente com o intuito de permitir a assimilação de tudo quanto é proposto sempre pela via dialógica e coletiva.

Em todos os encontros de Troca há um momento de formação em Economia Solidária quando através de conversas se vivencia, por meio de dinâmicas a real economia existente e a que se deseja. Posteriormente acontecem as trocas, onde todos participam de todos os momentos, e por último, as apresentações culturais. Cada um dos participantes deverá levar, para a participação pelo menos um produto, serviço ou saber, para que sejam realizadas as trocas. Dentro do ambiente de clube de trocas, os participantes passarão por um processo de formação, onde se compreenderá o objetivo da proposta, com vias a se criar uma outra perspectiva de consumo, de desenvolvimento e de difusão cultural. Ao final de todo

⁴ Retirado do relatório das atividades do Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG (2015).

⁵ Retirado do relatório das atividades do Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG (2011).

clube de trocas, é feita uma reflexão pelo desenvolvimento do mesmo, e uma preparação para o próximo.⁶

Tal interação existente dentro do Clube de Trocas, remete à proposta do mesmo de que, para além de se repensar a o consumo, é também se repensar enquanto sujeito do sistema. Deste modo, a ressignificação das relações econômicas, não está voltada apenas a como consumir, mas como. Tendo-se assim, a figura do prossumidor (MONTEZ, 2010; ROQUE et al., 2014; PRIMAVERA, 2010).

Conforme o referencial apresentado, enquanto projeto de extensão, os Clube de Trocas possibilitam que uma realidade alternativa seja vivência através do aparato institucional da universidade, atribuindo-a fundamental papel em meio a urgência de modos de intervenção que permitam a construção de possibilidades mais favoráveis em relação a implicações sociais, políticas, econômicas e culturais (CASTRO, 2004; NUNES; SILVA, 2011; SANTOS, 2014).

Assim, por meio da coletividade, nos clubes realizados os valores que estão postos por meio do status quo do consumo inconsciente e destrutivo são ressignificados, permitindo, a partir de uma experimentação local, a construção de uma realidade benéfica. Os participantes passam, portanto, por um processo de experimentação que, a partir de um grupo local, viabiliza os princípios de transformação a um nível mais amplo, permitindo que um novo campo epistemológico seja empregado, novas relações de consumo sejam realizadas e haja, enfim, a possibilidade da instituição de uma realidade mais igualitária (ROQUE et. al, 2014; MONTEZ,2010; VITAL, 2012).⁷

Os apontamentos anteriores compõem amplos aspectos que dão legitimidade e urgência a práticas que como as do movimentos de Economia Solidária, sejam construtoras de uma nova realidade. A esse respeito, o Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG enquanto vetor tem criado espaços para vivência e difusão da Economia Solidária e de seus princípios inseridos em ampla proposta promotora de alternativas as relações sociais e de consumo. Como ainda, tal projeto tem sido vetor para a democratização cultural, a socialização, a articulação coletiva e a externalização de múltiplos modos de expressão e denúncia social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ Retirado do relatório das atividades do Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG (2011).

⁷ Retirado do resumo “‘E esse consumismo sem freio é quem nos mata’: Clube de Trocas da ITCP/UNIFAL-MG como possibilidade de reestruturação do consumo”.

A partir do campo de estudos em Economia Solidária, tivemos como objetivo do presente trabalho propor uma análise do Clube de Trocas realizado pela ITCP/UNIFAL-MG como espaço de práticas de consumo alternativas ao sistema capitalista, via ação extensionista. Por meio de pesquisa e análise documental, relacionamos a conceituação e prática da Economia Solidária, junto aos Clubes de Trocas para compreender como estes fazem parte da atuação das ITCPs, mais especificamente, da ITCP/UNIFAL-MG, pela promoção do Clube de Trocas no contexto da Universidade Federal de Alfenas, Campus Varginha, por meio de ação extensionista.

Assim, ao fazermos as análises dos documentos e relatórios de registros dos Clubes de Troca ocorridos na UNIFAL-MG, Campus Varginha, alcançamos que o mesmo atua em seis principais eixos, promovendo a ressignificação das relações de consumo no meio acadêmico por meio da extensão. Partindo dos eixos colocados como centrais nos Clubes de Trocas, sendo eles: articulação entre comunidade interna e externa, a metodologia crítica do Clube; o impacto social gerado; a formação dos participantes; e, a construção de uma nova realidade, percebemos que pelas práticas e princípios da Economia Solidária, buscando-se relações sociais e econômicas mais justas, o Clube pode ser considerado como espaço de atuação de tal economia, uma vez que, tem em sua prática, a coletividade e solidariedade ao se propor o consumo consciente e o comércio justo e solidário. Com relação a questão do consumo, a ordem mercadológica vigente no Sistema Capitalista é criticada nos Clubes, tendo estes, espaços de conscientização e formação crítica para que os envolvidos no ambiente, possam trazer para suas vidas a ressignificação das relações econômicas.

Pela dinâmica de atuação dos Clubes, percebe-se também que, a ITCP/UNIFAL-MG alinha-se aos chamados atores da Economia Solidária, por proporcionar sua prática extensionista não somente voltada para a formação dos empreendimentos econômicos solidários, mas também, cumprindo com a via de mão dupla da extensão universitária, trazendo para o ambiente acadêmico a comunidade externa e também, proporcionando formas de inclusão da sociedade neste espaço, bem como a interação entre comunidades as comunidades interna e externa. Também, por se ter nos Clubes, por meio de sua metodologia crítica e da formação dada, a proposta de se pensar em construção de saberes alternativos ao tradicional da economia, baseado na educação popular.

Pela limitação do artigo quanto à sua estrutura, ainda que por meio dos relatórios e documentos referentes ao Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG, auxiliaram na compreensão do mesmo como forma de ressignificar as relações econômicas por meio da extensão, sabemos que, há possíveis trabalhos a serem desenvolvidos nesta mesma temática.

Acreditamos que relatos de experiências e experiências antropológicas, podem ser possibilidades diante da atuação a longo prazo dos Clubes, pois, a partir dos seis eixos estabelecidos para as análises, é possível se ter uma mudança no contexto local da universidade, da comunidade externa e dos envolvidos nas suas práticas.

Deste modo, ao pensarmos no objetivo do artigo, temos que, o Clube de Trocas ITCP/UNIFAL-MG busca, ao longo dos seus setes anos de ocorrência, ressignificar as relações econômicas para além do ambiente universitário. Trazendo consigo, por meio da extensão, valores da Economia Solidária que, postos em práticas pela ITCP/UNIFAL-MG trazem para a região onde se encontra a Universidade possibilidades para se pensar formas de organizações alternativas para o consumo, estas, de formas mais solidária, coletiva, de cooperação, fazendo assim vale, a solidariedade de tal economia.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARKEL, H. V.; ALBUQUERQUE, P. P. de; RAMADA, C.; PRIMAVERA, H. O revés da moeda: diferentes práticas realizadas. In.: ARKEL, H. V.; ALBUQUERQUE, P. P. de; RAMADA, C.; PRIMAVERA, H.(Orgs.). **Onde está o dinheiro?**. Porto Alegre: Dacasa, 2002. p. 57-78.

CARNEIRO, G.; BEZ, A. C. Clubes de troca: espaço de solidariedade. In.: CARNEIRO, G.; BEZ, A. C. **Clubes de troca: rompendo o silêncio, construindo outra história**. 2 ed. Curitiba: CEFURIA, 2011. p. 13-32.

CASTRO, L. M. C. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu, 2004. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CASTRO, L. M. C. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu, 2004. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>>. Acesso em: 1 set. 2004.

CORAGGIO, J. L. Las redes de trueque como institución de la economía popular. In.: **Economía popular urbana: una nueva perspectiva para el desarrollo local**, Programa de Desarrollo Local, cartilha n ° 1. Instituto del Conurbano- Universidad Nacional de General Sarmiento (UNGS), San Miguel, 1998.

FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J. **A Economia Solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...**

Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/as-praticas-curriculares/as-praticas-curriculares.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LUZ, T. R. da. **TELEMAR-MINAS: competências que marcam a diferença**. 2001. 307f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Belo Horizonte, 2001.

MONTEZ, M. Trocas por cá: mercados solidários pela voz de um prosumidor. *Revista de Economia Solidária*, n. 2, p. 1-15, 2010.

NASCIMENTO, C. A autogestão e o “novo cooperativismo”. In: BENINI, E. et al. *Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária*. Volume I. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 91-100.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. **A extensão universitária no ensino superior e a sociedade**. *Mal-Estar e Sociedade*, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.

PATEO, F. V.; SÍGOLO, V. Um estudo sob desenvolvimento local solidário: conceitos e estratégias. In: ITCP (org.). **Caminhos percorridos e construção coletiva: economia solidária na zona sul de São Paulo**. São Paulo: ITCP-USP, 2010. p. 17-40.

PINHEIRO, C. F. R.; MARTINS, M.; TOLEDO, D. A. da C.; GUERRA, A, C. Clube de trocas ITCP/UNIFAL-MG: uma análise quanto a percepção do valor de produto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2, 2014, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais, 2014, p. 1-14.

PINTO, J. R. L. **Economia solidária: de volta à arte da associação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PRIMAVERA, H. El corralito alentó el trueque. **Revista Luna**, 2002. Disponível em: <<http://www.heloisaprimavera.com.ar/noticias/display.php3?ID=2>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SABOURIN, E. Acesso aos mercados para a agricultura familiar: uma leitura pela reciprocidade e a economia solidária. **Revista de Economia NE**, Fortaleza, v. 45, p. 21-35, out./dez. 2014.

SANTOS, J. R. R. **Universidade pública e desenvolvimento local: a presença da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) no bairro do Salobrinho em Ilhéus, Bahia, no período de 1991 a 2008**. Ilhéus: Editus, 2014.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. De.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n. 1, v. 1, julho de 2009.

SCHMITT, C. J. Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise** (Ipea), n. 4, p. 55-64, fev. 2010.

SINGER, P. Clubes de troca. In.: OLIVEIRA, P. S. de. Entrevista com Paul Singer. **Estudos Avançados**, n. 22, v. 62, p. 288-314, 2008.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 5.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

TRIVIÑOS, A. R. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VITAL, L. R. S. Feiras de trocas e moeda social: a prática da sala de aula em conjunto com a economia solidária. **EJA/ECOSOL/UFABC**. São Bernardo do Campo, 2012. Disponível em: <<http://proec.ufabc.edu.br/ejaecosol/feiras-de-trocas-e-moeda-social-a-pratica-da-sala-de-aula-em-conjunto-com-a-economia-solidaria/>>. Acesso em: 05 de mar. 2018.